

Literatura e espanhol/ LE: a questão da alteridade

Antonio Andrade (UFF/ CPII/ FAC-CCAA/ UERJ)

A partir da questão da alteridade, podemos reconhecer múltiplas formas de aproximação entre os estudos de literatura e de língua estrangeira (LE). É fácil encontrar, na fortuna crítica dos estudos literários e culturais hoje, a “problemática do outro” como um fator de polêmica e de produtividade para autores pertencentes a distintos campos acadêmicos de reflexão. Poderíamos citar, por exemplo, a noção de *otredad*, que surge nos escritos de Octavio Paz (1992) como modo de compreensão da subjetividade e da identidade mexicana/ latino-americana. A detida investigação, de caráter mais lingüístico-filosófico do que histórico, de Tzvetan Todorov (2003) sobre a descoberta da América, evento que, segundo ele, deflagraria na cultura ocidental moderna a tensão entre identidade e alteridade, devido ao choque entre o eu (europeu) e o outro (não-europeu). O contínuo descortinamento do discurso do colonialismo, gerador da discriminação, por parte de críticos culturais como Homi Bhabha e Edward Said (cf. HOLLANDA, 1991). Ou ainda, a reflexão de Paul Ricoeur (1991) que, em lugar de desvelar estratégias sociopolíticas de diferenciação, exploração e silenciamento, aprofunda o debate em torno da antinomia “mesmidade” e “ipseidade” (i. e. subjetividade e alteridade), a qual representaria uma espécie de elemento constitutivo do próprio pensamento filosófico moderno.

Essas múltiplas referências não só demonstram a importância da alteridade no âmbito dos estudos de cultura, filosofia, arte e literatura, mas também apontam um caminho em direção ao qual a reflexão em torno do espanhol como língua estrangeira (E/LE) vem levando seus pesquisadores. A questão basilar hoje para todos os estudiosos de E/LE no Brasil é pensar que tipo de aspectos tanto lingüísticos quanto

culturais estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem de uma língua que se mantém no tenso limiar entre a proximidade e a diferenciação. Ao mesmo tempo, pensar o ensino de E/LE significa refletir sobre a dimensão da alteridade que a relação entre o português do Brasil e as diversas variantes do espanhol e da cultura hispânica pode suscitar. É se perguntar sobre a obscuridade do outro, para desvelar os falsos estereótipos que a interrupção das relações dialógicas, em virtude das condições sociohistóricas, impôs a culturas geograficamente próximas e discursivamente afastadas.

Desde o âmbito da lingüística aplicada ao ensino-aprendizagem de E/LE, Neide González (2001), por exemplo, desenvolve um trabalho de análise da expressão da “pessoa”, não apenas como uma categoria morfológica, e sim como um estudo da pronominalização no âmbito da sintaxe oracional, através do qual se podem perceber diferentes processos de subjetivação discursiva entre português e espanhol, bem como a passagem de um processo a outro na produção de E/LE de estudantes brasileiros. Nesse tipo de reflexão, é certo que a relação entre L1 e L2 não é vista como um problema, ou categorizada como “erro”; ao contrário, é a partir dela que será possível reconhecer, segundo a análise do discurso, “um processo de *inscrição* do sujeito de enunciação em discursividades da língua alvo” (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 66). E pensando não só no modo como o sujeito se inscreve no discurso, mas também como o sujeito é “afetado” — no sentido psicanalítico — pela alteridade de uma LE, podemos afirmar que “toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua” (REVUZ, 1998, p. 217).

Será curioso verificar que esse tipo relação simultaneamente conflituosa e produtiva, em termos de questionamento da identidade, com uma segunda língua, pode ser um ponto de interesse não só para as análises lingüísticas e discursivas da produção oral e escrita de estudantes em classes de LE, mas também para a reflexão

sobre o ato de escrever poeticamente utilizando uma outra língua. Tal experiência, como se sabe, já motivou nomes importantes como os de Fernando Pessoa e Vicente Huidobro, e encontra-se relatada por alguns escritores. Podemos citar como exemplo o depoimento em que o poeta, tradutor e professor da PUC-RJ Paulo Henriques Britto narra a sua experiência de escrever poemas, sobretudo durante a adolescência, em LE:

Escrever em inglês, portanto, foi para mim durante muito tempo assumir uma espécie de alteridade interior: o eu anglófono era *um Outro internalizado*, um aspecto alternativo — menor, *conscientemente construído*, porém completo à sua maneira — de mim. [...] Escrever poesia em inglês era para mim uma maneira de testar um outro eu, mais potencial do que real. Esse eu não é radicalmente diferente do lusófono, porém apresenta certas nuances. Em primeiro lugar, como seria de se esperar, meus poemas em inglês têm *mais marcas de meus poetas de língua inglesa prediletos*. [...] Em segundo lugar, meus poemas ingleses são por vezes mais “confessionais” que os escritos em português; sendo o inglês minha “outra” língua, *a língua de meu Outro*, me parecia mais fácil utilizá-la sempre que eu queria me expor mais, já que ao fazê-lo eu parecia estar expondo apenas o Outro, e não propriamente a mim mesmo (BRITTO, 1998, não paginado, grifos nossos).

Gostaríamos de ressaltar três pontos que aparecem no relato de Paulo Britto. O primeiro deles é a observação feita pelo poeta de que o uso da LE, e sobretudo o ato de escrever literariamente em LE, representa um processo de internalização da alteridade, que implica, por sua vez, a construção de alternativas discursivas para a expressão da subjetividade. Tal alternativa advém do segundo ponto, qual seja, a autonomia, e conseqüente distanciamento, que essa alteridade ganha em relação ao sujeito — processo este que propicia a criação de uma nova rede de significações através da LE. Devido mesmo a essa autonomia, o terceiro aspecto diz respeito à consciência escritural que principalmente o escrito em LE e a subjetividade que se constrói através desse escrito possuem. Nesse ponto, mais uma vez, imbricam-se as reflexões sobre LE e literatura, no sentido de que também o texto literário é tradicionalmente entendido como um esforço de utilização consciente (e expressiva) da linguagem. Por isso, o quarto ponto a ser ressaltado é justamente a

relação intrínseca entre leitura e produção, ou seja, para o autor, a leitura de autores de outra língua é fundamental para a formação de uma “alteridade interior” diversa da identidade que lê e se exprime em língua materna.

Tais observações podem ser comparadas ao pensamento desenvolvido por Jorge Luis Borges, no conhecido conto “Pierre Menard, autor del Quijote”, onde o autor argentino cria uma espécie de ensaio ficcional que apresenta todas as marcas lingüísticas que caracterizam o gênero argumentativo e que, se utilizadas num ensaio real, garantiriam o contrato de veridicção com o leitor. Nele a alegoria criada por Borges — a de que um autor francês do início do século XX haveria reescrito o clássico de literatura espanhola linha por linha, palavra por palavra, sem copiá-lo — funciona como um modo de evidenciar que a leitura e a produção literárias em LE podem não só ser concebidas como elementos também constitutivos do sujeito, como ainda abrir espaço para uma profícua dialetização dos postulados da identidade nacional. Ou seja, escrever em castelhano/ LE, para a personagem de Borges, é uma forma de se opor criticamente a inúmeros estereótipos da cultura francesa forjados preponderantemente no século XIX.

Decerto que a literatura é o lugar da problematização simultânea dos sentidos e das identidades que se constroem no texto. A fragmentação e a possibilidade de desdobramento/ redobramento do sujeito constituem o solo próprio do literário. Desse modo, não queremos propor um arremedo de trabalho eclético que misture, sem nem mesmo relacionar, as “competências” envolvidas na atividade lingüística de produção/ compreensão do E/LE e os “saberes”, por vezes meramente enciclopédicos, que dizem respeito às histórias das literaturas hispânicas. Mas a transformação do texto literário em matéria de reflexão sobre a linguagem e sobre a “estranheira”, visando ao entendimento da complexa operação que implica lidar com a alteridade de uma LE; operação esta similar, como temos visto, à estranheza da

literatura, e ainda mais de uma literatura escrita em LE como signo de uma diferença cultural.

É interessante ainda ter idéia de como essa estranheza pode ser recebida do lado contrário ao que nos encontramos, o do uso do português/ LE, e da forma como a interlíngua que se produz da mescla entre espanhol e português pode ser aproveitada de maneira poética por escritores que se arriscam a escrever nessa fronteira. Este será, por exemplo, o testemunho do poeta argentino Néstor Perlongher, que viveu no Brasil, estudou e trabalhou na Unicamp, ao longo da década de 1980. No artigo “El portuñol en la poesía”, Perlongher afirma:

Mi reflexión sobre el portuñol no partirá de una posición científica o profesoral, sino de una posición de usuario de la jerga. Mi experiencia con ese uso abarca una práctica muy especial, que es la escritura poética. Una reflexión sobre esa lengua desde ella misma podrá ser en última instancia poética. En esa instancia poética el portuñol no valdrá apenas como error o interferencia, sino que su uso comportará un sentido pleno, positivo. Ya que si podemos acusar de error al hablante, no será tan desacreditador acusar de errar al poeta (PERLONGHER, 2004, p. 248).

Poderíamos agregar que tal reflexão sobre o *portuñol* abarca, sem dúvida, não só uma prática especial da escritura poética, mas também uma concepção discursiva que consegue inverter o caráter imobilizante e superficial estipulado, no imaginário de estudantes brasileiros de E/LE, pelo lugar-comum da concepção de “erro” lexical, segundo María Teresa Celada (2000). Para Perlongher, a prática do *portuñol* não constitui um erro ou interferência, e sim uma forma de polissemia do discurso que desliza (ou “erra”) entre ambos idiomas, provocando inúmeros processos verbais, tais como neologismos, derivações, ressemantizações, deslocamentos, inversões sintáticas, recontextualizações, ambigüidades etc. Também no terreno da lírica, a noção de erro é entendida sob a chave da produtividade gerada pela busca incessante da palavra e do sentido. Não à toa, em poesia, a idéia de “errância” configura tradicionalmente esse movimento de busca. Lembremos ainda que, para

Roman Jakobson, a função poética, “com promover o caráter palpável dos signos” (JAKOBSON, 1969, p. 128) e explorar o nível da mensagem no processo de enunciação, representa uma forma de alteração da linguagem usual, da matéria lingüística, com o intuito de criar o efeito estético. Por isso mesmo, Perlongher chega a afirmar que uma reflexão sobre o *portuñol*, feita em *portuñol*, já seria algo poético em si mesmo.

Acreditamos que, a partir de Perlongher, podemos começar a observar uma rede de relações entre diferentes autores e estilos literários hispânicos e brasileiros, assim como a possibilidade de utilização desses cotejos, que estimulam a prática da leitura/ literatura comparada na sala de aula de E/LE, como instrumentos didáticos de reflexão sobre a interculturalidade. Além da poesia, outros tipos de produção literária podem servir como pontes para o estabelecimento desse diálogo. Citemos, no âmbito da prosa contemporânea, a relação entre subjetividade e crise da identidade no contexto da globalização — explorada, sobretudo, pela geração *McOndo* do Chile. É interessante ler, a título de exemplo, os capítulos iniciais do romance *Mala onda*, de Alberto Fuguet, em que o narrador, um jovem chileno de passagem pela cidade do Rio de Janeiro, nos anos 1980, entroniza o olhar de um turista que, em lugar do encantamento acrítico pelo exotismo local, questiona a relevância de ícones ao mesmo tempo “pop” e políticos que caracterizam tanto a juventude brasileira quanto a chilena de sua época.¹ Já no âmbito do teatro, é possível fazer uma leitura intertextual entre autores como Federico García Lorca e Nelson Rodrigues, cujas peças *La casa de Bernarda Alba* e *A senhora dos afogados* sugerem diversas aproximações e distanciamentos quanto ao próprio modo de composição dramático e às questões do feminino, da hipocrisia nas relações familiares e dos estereótipos sociais que dominam os contextos espanhol e brasileiro respectivamente.² Na literatura infanto-juvenil, também é possível detectar exemplos que demonstram um esforço de “hispanização” do discurso literário brasileiro, tal como o de Monteiro Lobato, escritor que, além de ter

uma grande inserção no meio editorial hispano-americano, incorpora o *Quixote* como uma referência fundamental para a leitura de sua obra (cf. LAJOLO, 2006). Evidentemente, há inúmeras outras propostas de comparação já realizadas, em andamento ou que ainda surgirão.

Por tudo isso, a conclusão, ainda provisória, que este ensaio pode ter é a de que textos literários de qualidade, além de constituírem marcos para a cultura letrada em língua espanhola, também brindam ao leitor — tanto o profissional quanto o amador, docente ou discente — uma reflexão que já parte de uma problemática fundamental para quem se dedica ao estudo de uma LE: a alteridade. E parece-nos que a usurpação das manifestações literárias no campo do ensino-aprendizagem de E/LE, vem sendo sentida cada vez mais como uma ausência prejudicial para os que buscam uma verdadeira relação entre LE e cultura, e não tentam apenas importar uma espécie de cientificismo abstratizante ou legitimar certo tecnicismo instrumental, numa área que necessariamente deveria pensar a partir da diferença cultural, da não comunicação imediata e da reflexão comparada sobre as potencialidades e limites tanto da “língua(gem)” do outro quanto da sua própria. Talvez esses termos se identifiquem com o que viemos tentando definir aqui como a produtividade da leitura literária na sala de aula de espanhol/ LE.

Referências

BRITTO, P. H. *Escrever em língua estrangeira*. 1998. (*Handout* para apresentação).

CELADA, M. T.; GONZÁLEZ, N. Los estudios de lengua española en Brasil. *ABEH, El Hispanismo en Brasil*, Madrid, n. 1, p. 35-58, 2000.

GONZÁLEZ, N. La expresión de la persona en la producción de español/ LE de estudiantes brasileños: perspectivas de análisis. *Hispanismo 2000*, Consejería de Educación y Ciencia, v. 1, p. 239-255, 2001.

HOLLANDA, H. B. *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

LAJOLO, M. De *São Paulo* al Aconcagua: una trayectoria latinoamericana para Monteiro Lobato. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, ABRALIC, Rio de Janeiro, n. 9, p. 99-106, ago. 2006.

PAZ, O. *El laberinto de la Soledad*. Madrid: FCE, 1992.

PERLONGHER, N. *Papeles insumisos*. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2004.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.

RICOEUR, P. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.

SERRANI-INFANTE, S. Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas. *D.E.L.T.A.*, Educ, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 63-81, 1997.

TODOROV, T. *A descoberta da América*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Notas

¹ Cf., sobre esse assunto, a dissertação de Lêda de Carvalho, *Mala onda: como um periscópio (o subjetivismo e a relatividade no romance de Alberto Fuguet)*, defendida na Universidade Federal Fluminense, em 2001, sob a orientação da Profa. Dra. Marcia Paraquett.

² Esse estudo comparado faz parte da pesquisa de doutorado, em andamento na Universidade Federal Fluminense, de Leonardo Amaro Nolasco da Silva, cujo projeto intitulado “Conflitos identitários no movimento da ação dramática: um estudo de gênero no teatro trágico de Sófocles e Nelson Rodrigues” tem a orientação da Profa. Dra. Lygia Peres.